



LEADING  
POLITICS  
**LEADING  
POLITICS**  
LEADING

# NÚMEROS

Atualmente,

**72% DA POPULAÇÃO MUNDIAL**

vive em autocracias. O nível médio de Democracia vivido pelo cidadão mundial terá regredido para os níveis de 1986.

Fonte: *Relatório sobre a Democracia de 2023 do Instituto Varieties of Democracy, 2024*

Em países que representam

**96% DA POPULAÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA,**

os partidos do centro continuam a deter a maioria, o equivalente a 63% dos lugares.

Fonte: *Ipsos, 2024*

Mais de

**700 PROTESTOS**

antigoverno eclodiram em todo o Mundo desde 2017.

Fonte: *Carnegie Endowment for International Peace, 2024*

# LETRAS



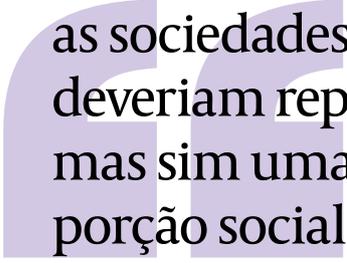
## NÃO BASTA GRITAR

contra o populismo, é  
preciso desmascará-lo,  
com pedagogia.

António Saraiva, Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa

A influência distorcida  
do capital ajuda a  
explicar por que razão

## MEMBROS ELEITOS



raramente refletem  
as sociedades que  
deveriam representar,  
mas sim uma ínfima  
porção social.

Afonso Abecasis, Business Development and Partnerships Manager,  
Oxford Analytica

Mas pode acontecer que a Democracia se tenha  
oligarquizado, tornando-se um jogo em que poucos  
decidem e pouco se decide, e neste caso o

## POPULISMO PODE REVITALIZÁ-LA.



Andrés Malamud, Investigador Principal no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

# POPULISMO

## UMA CURTA OU LONGA-METRAGEM?

A Europa não está prestes a ser invadida por fascistas, numa repetição dos anos 30 do século passado, mas a nova vaga de direita representa um grande desafio para todas as democracias. Se for mal gerida, pode intoxicar a política, privar de direitos uma grande parte do eleitorado e impedir reformas cruciais da União Europeia. Apesar desta tendência crescente, os europeus têm preferido os modelos liberais e sociais de Democracia aos modelos populistas. Posto isto, o que podemos fazer? O que podem fazer as lideranças? Será o populismo a que assistimos em Portugal e no Mundo uma curta ou uma longa-metragem?

### UMA HISTÓRIA ANTIGA QUE TEIMA EM REPETIR-SE



influência distorcida do capital ajuda a explicar por que razão membros eleitos raramente refletem as sociedades que deveriam representar, mas sim uma ínfima porção social. Veja-se a representação das mulheres no governo – embora a sua quota de lugares em legislaturas tenha aumentado, ainda

representam menos de um quarto dos deputados. O mesmo se passa com as minorias.

Nas famosas seis medidas democráticas de Robert Dahl – funcionários eleitos; eleições livres, justas e frequentes; liberdade de expressão; fontes alternativas de informação; direito de organização política; e cidadania inclusiva – falta-nos a “confiança”. Talvez por-

que a sua vida abrangeu um período da história em que sucessivas gerações esperavam geralmente que os seus descendentes tivessem uma vida melhor. Com a sua morte, em 2014, isso já não era um dado adquirido.

Nesse ano, tanto nos Estados Unidos como no Reino Unido, as taxas de esperança média de vida e de mortalidade infantil, anteriormente em crescimento, inverteram-se, num decisivo contexto de políticas de austeridade – em resposta a uma grave crise económica, cortes nas despesas públicas e, simultaneamente, em benefícios fiscais às grandes empresas e a essa mesma ínfima porção social.

E são estes exatos caminhos que convidaram ressentimentos coletivos difíceis de ignorar. À mesa democrática sentam-se agora o iliberalismo, o autoritarismo, a desinstitucionalização e a desconsolidação de uma vaga que se prolongava desde 1974. A sua causa? Um populismo, disfarçado sob a “vontade comum”, com uma faca atrás das costas. ●



**Afonso Abecasis**

Business Development and Partnerships  
Manager, Oxford Analytica



## COMO SE PODE COMBATER



grande conclusão que retiro da ascensão do populismo, um pouco por todo o Mundo, na Europa e também em Portugal, é a da grande responsabilidade que recai sobre todos quantos se reclamam moderados e defensores das causas e dos valores democráticos e humanistas.

Responsabilidade na defesa intransigente dessas causas e valores. É preciso afirmar, com convicção, corajosamente, sem cedências, os valores que os populismos – tanto de direita como de esquerda – desprezam.

Responsabilidade na denúncia da manipulação da realidade e na desconstrução das mensagens simplistas que caracterizam o populismo. Não basta gritar contra o populismo, é preciso desmascará-lo, com pedagogia.

Responsabilidade no combate à corrupção, que alimenta o populismo, res-

taurando a confiança na justiça e nas instituições democráticas.

Responsabilidade na construção de soluções que respondam aos anseios dos cidadãos, não deixando aos promotores da demagogia e da irresponsabilidade o monopólio da promessa de um futuro melhor e mais próspero. São as expectativas frustradas e os sentimentos de desilusão e de medo que têm dado força aos defensores de soluções extremistas e populistas. É preciso contrapor alternativas credíveis a essas soluções. ●



**António Saraiva**

Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa

## ELEIÇÕES NORTE-AMERICANAS

# O QUE PODE ESTAR EM JOGO?



que é que se pode dizer sobre as próximas eleições presidenciais norte-americanas de 2024, que não tenha sido já dito tanto na paisagem mediática generalista como na especializada? Que o próprio regime democrático parece estar a ser votado? *Check*. E amplamente discutido (Brookings, 2024; Ignatieff, 2024; Levitsky & Ziblatt, 2019, 2023). Que o futuro da NATO, da Aliança Transatlântica e da integridade territorial da Ucrânia podem estar em jogo, dependendo da vontade do eleitor americano médio em apenas cinco ou seis Estados-chave do “campo de batalha”? *Check*, também amplamente discutido (ECFR, 2023; Gerson, 2024; Lindsay & CFR, 2024). Por isso, não é uma tarefa fácil dizer relativamen-

te novo sobre as eleições nos EUA, que estão a cerca de 60 dias de distância. Embora muito tenha sido discutido e os Media portugueses pareçam convergir para as potenciais ameaças à Democracia norte-americana, há pouca análise sobre visões alternativas tendo em conta as origens mais enraizadas de tais ameaças.

Este número especial da revista *Líder* analisa as eleições através do prisma do “populismo” ou da “ameaça populista”, que é entendido, de um modo geral, como uma ideologia pouco centrada que talvez descreva melhor uma forma de fazer política, em vez de um programa político específico *per se* (Muude e Kaltwasser, 2017; Moffitt, 2017). Outros académicos foram convidados a discutir este fenómeno aqui nesta edição (Malamud), pelo que não vou aprofun-

dar este fenómeno social e político, mas o que gostaria de abordar é até que ponto as políticas populistas ou a chamada “ameaça populista” são de facto relevantes para compreender a candidatura Trump e as eleições presidenciais dos EUA em 2024.

Na minha opinião, de todos os escritos sobre a melhor forma de compreender o que está em jogo nas eleições presidenciais dos EUA, penso que o artigo de Ignatieff de 2024 no *Journal of Democracy* é talvez um dos mais exatos. Nele, Ignatieff lembra-nos que a posição mais consensual aqui em Portugal (como em toda a Europa), de que o populismo autoritário representa a crise democrática, e que esta crise pode ser resolvida com a sua derrota eleitoral, precisa realmente de ser reconsiderada.





Em vez de se concentrar na “ameaça populista” e na melhor forma de encurtar os seus representantes nas urnas, Ignatieff (entre outros) sugere que precisamos de levar a sério o facto de muitos populistas autoritários se verem a si próprios como os verdadeiros democratas, que pensam que nós – as elites profissionais liberais que normalmente defendem os “soft guardrails” (Levitsky & Ziblatt, 2019) da Democracia liberal – somos a verdadeira ameaça à Democracia. Como tal, ele sugere que as chamadas elites liberais e os defensores do *status quo* democrático precisam de fazer um sério exame de consciência institucional. Como assim?

Em primeiro lugar, a menos que se tenha vivido debaixo de uma rocha nos últimos 30-40 anos, o aumento dramático da desigualdade económica interna na maioria dos países da OCDE (Milanovic, Qureshi, Piketty, entre outros) significou que a classe média e as sociedades socialmente móveis que foram construídas após a Segunda Guerra Mundial em países como os EUA foram colocadas cada vez mais sob pressão, atingindo níveis de desigualdade não vistos desde a década de 1920.

Desde o início da década de 1980, e através do aumento da globalização, do *offshoring* e de políticas que incentivaram o financiamento de ativos especulativos, os rendimentos baseados no capital têm tido um desempenho excepcional em comparação com os rendimentos baseados no trabalho, tendo estes últimos perdido terreno. Nos EUA, por exemplo, a percentagem de rendimento dos 1% mais ricos mais do que duplicou desde o início da década de 1980, com a percentagem de riqueza a aumentar para quase 40%. Os rendimentos da classe média foram espremidos e o trabalhador típico viu os seus salários reais estagnarem em grande medida (Qureshi, 2017). Esta tendência é talvez mais bem ilustrada pelos padrões do índice de Gini nos

# «O aumento da desigualdade interna não explica tudo sobre o fenómeno populista nos EUA, nem serve de explicação para os fenómenos populistas noutros países, uma vez que surgiram partidos e movimentos populistas em muitos países onde o Índice de Gini tem vindo a descer, como em Portugal. Então, o que se pode passar mais?»

EUA, que passou de 34,7 em 1980 para 41,5 em 2019, o mais desigual de todos os países da OCDE, de longe (Banco Mundial).

No entanto, o aumento da desigualdade interna não explica tudo sobre o fenómeno populista nos EUA, nem serve de explicação para os fenómenos populistas noutros países, uma vez que surgiram partidos e movimentos populistas em muitos países onde o Índice de Gini tem vindo a descer, como em Portugal. Então, o que se pode passar mais?

A existência de dificuldades económicas não é um requisito para garantir a simpatia pela candidatura Trump, pelo que parece intuitivo que também precisamos de prestar atenção aos processos comunicativos e performativos que os movimentos populistas abraçam no corpo político para tentar compreender melhor as próximas eleições nos EUA.

Académicos como Cas Muude e Ben Moffitt (2017) escreveram longamente sobre este aspeto mais Gramsciano do momento populista. É uma forma de articular queixas e de fazer política que apela a um vasto leque de atores políticos, eleitores e partidos, até mesmo pelo filho bilionário de um magnata do imobiliário que, no entanto, con-

segue fazer passar os seus cortes de impostos aos ricos como se fosse o campeão dos “pequenotes”. Dizer aos eleitores de Trump que estão a ser enganados, ou que são estúpidos ou “deploráveis” por terem votado em alguém como Trump é, acreditem em mim, em última análise, tanto auto-destrutivo como errado, e o jornalista Miguel Carvalho (2024) ou estudiosos como o Riccardo Marchi (2020) têm dito o mesmo sobre o votante do Chega em Portugal.

São pessoas que se sentem legitimamente prejudicadas e desiludidas com o chamado consenso bipartidário que costumava dominar o discurso político e o comportamento do Congresso dos EUA. Esse consenso tem vindo a desaparecer como nunca, atingindo níveis de polarização política que começam a parecer-se cada vez mais com a Alemanha de Weimar antes de 1933. Assim, se nem a economia nem as instituições políticas que tantos de nós, americanos, fomos ensinados desde tenra idade a venerar como “as maiores da história do Mundo” não estão a funcionar para quase metade do eleitorado dos EUA, então talvez seja altura de reconsiderar se estas instituições que herdámos de uma sociedade escravagista dos séculos XVIII e XIX

são, afinal, assim tão sacrossantas? Os cientistas políticos elaboraram uma longa lista de questões que nos leva a considerar as razões pelas quais os eleitores se podem sentir desiludidos com as estruturas e os atores políticos dominantes, a começar pelo Colégio Eleitoral antidemocrático ou pelas táticas de “gerrymandering” utilizadas por ambos os partidos para desenhar os distritos congressionais de acordo com os eleitores que desejam.

A questão aqui é que, embora o populismo e a sua relativa “ameaça” possam ser uma lente popular através da qual se analisam estas e as recentes eleições nos EUA, o que pode estar realmente a conduzir à raiva dos eleitores, ao desânimo e a uma procura de qualquer candidato que pareça representar “qualquer mudança significativa”, é o resultado de um fracasso geracional repetido por parte dos guardiões de um *status quo*, que recusa reformar-se seriamente.

Como os nossos amigos do movimento ambientalista têm tentado lembrar-nos, a nossa relutância em implementar seriamente reformas nos nossos sistemas económicos e de produção está agora a pôr em perigo esses sistemas como um todo. Não olhem para cima! ©

**Nota:** Michael Baum escreve na sua capacidade pessoal e académica, enquanto Professor da Universidade Católica Portuguesa (UCP). As suas opiniões e análises não refletem as posições da UCP nem da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).



**Michael Baum, Professor**

Diretor do Global Education Office (GEO) e Co-Diretor do Programa de Filosofia, Política e Economia da FCH - Faculdade de Ciências Humanas (Universidade Católica Portuguesa)



Hospedeiras  
de Portugal

# *Trabalho Temporário Outsourcing*



[hospedeiras@hospedeiras-portugal.pt](mailto:hospedeiras@hospedeiras-portugal.pt)

[www.hospedeiras-portugal.pt](http://www.hospedeiras-portugal.pt)



Andrés Malamud

Investigador Principal no  
Instituto de Ciências Sociais da  
Universidade de Lisboa

# O QUE É O POPULISMO, E PORQUE NÃO É TÃO GRAVE



populismo pode ser resumido como maniqueísmo plebiscitário: trata-se de dividir as pessoas em dois grupos, demonizar o mais pequeno (sejam as elites ou os imigrantes) e mobilizar eleitoralmente o maioritário (o povo). Mas, na realidade, existem três tipos de populismo: político, económico e cultural (Weyland 2001). O populismo político é uma estratégia de mobilização baseada na relação direta entre o líder e as massas, sem intermediação institucional de entidades como parlamentos ou partidos. O populismo económico é uma política de governo que consiste em distribuir mais recursos dos que aqueles que se arrecadam, hipotecando o futuro ao presente. Finalmente, o populismo cultural é a manifestação por parte de alguns líderes de que eles são sociologicamente iguais ao povo, em contraste com os demais que, com estilo distante, constituem a oligarquia. Os três tipos de populismo projetam uma sociedade binária na qual os bons (o povo) são maioria, mas estão explorados ou são desprezados pela minoria (elite, oligarquia ou casta) dominante.

As pessoas privilegiadas e bem-pensantes tendem a acreditar que o populismo é, sempre e em todo o lado, um fenómeno negativo. As multidões tendem a pensar diferente. O populismo é efetivamente perigoso para a Demo-

cracia quando atenta contra os direitos das minorias ou as instituições de controlo do poder. Mas pode acontecer que a Democracia se tenha oligarquizado, tornando-se um jogo em que poucos decidem e pouco se decide, e neste caso o populismo pode revitalizá-la mediante o aumento da participação popular e a substituição das elites esclerosadas no governo. No primeiro caso, o populismo atenta contra a dimensão liberal da Democracia; no segundo, pretende corrigir os vícios da dimensão representativa. Noutras palavras, o populismo é ambivalente: pode ser uma ameaça, mas também um corretivo, para a Democracia (Rovira Kaltwasser 2011).

O populismo não tem ideologia, ou aliás, pode ter qualquer uma. Nos países desenvolvidos, os populismos contemporâneos tendem a ser de direita, focam-se na defesa da nação contra o globalismo e dos nativos contra os imigrantes. Nos países em desenvolvimento, no entanto, tendem a ser de esquerda, focam-se na defesa dos setores populares contra as elites dominantes e costumam ter uma identidade regional para além da nação (por exemplo, latino-americanista). Em qualquer caso, os fenómenos populistas do século XXI distinguem-se pela polarização afetiva mais que ideológica: não são as políticas públicas, mas as identidades sociais as que dividem as sociedades. As emoções, sobretudo

as negativas como ódio ou medo, prevalecem sobre as razões.

Outra característica recente da polarização, embora associada à sua crescente emocionalidade, é que já não divide apenas as elites ou grupos intenos, como guerrilheiros ou militares, mas boa parte da população. É verdade que a polarização tem uma virtude potencial: ao apresentar duas opções bem diferenciadas, torna o voto mais significativo. Assim, os cidadãos sentem que estão verdadeiramente a eleger e não apenas a optar. Porém, como já dito, essa eleição encarna uma luta emocional entre duas tribos mais que uma escolha racional entre políticas públicas.

O futuro do populismo está em aberto. Porém, uma das novidades dos últimos anos é que os seus líderes também perdem eleições e, mais importante, veem-se forçados a aceitar o resultado. Cristina Kirchner na Argentina, o Movimento Cinco Estrelas na Itália, Donald Trump nos Estados Unidos, Jair Bolsonaro no Brasil e o Partido Lei e Justiça na Polónia tiveram que deixar o poder por vontade popular. Noutros casos, como o do Nicolás Maduro na Venezuela, a resistência ao veredicto popular levou ao fim da Democracia – mas aqui o problema já não é o populismo, porque o regime é profundamente impopular, mas o autoritarismo. Esse, mais que o populismo, é que sempre foi o inimigo da Democracia. ●

# O DESPORTO ESTÁ NO SAPO!



**A BOLA**

 **ZEROZERO**

**TRIBUNA**  
Expresso

**SAPODESPORTO**

**Auto**gear

**auto**.  
monitor

 **BOLA**  
NA REDE

**MOTORCYCLE**  
**SPORTS**

 **SPORTS**

sapo.pt

  
**SAPO**